

# A roupa nova do imperador

*O prédio que já reinou como o maior da América do Sul conserva o sotaque italianado, mas tenta se adaptar às mudanças trazidas pelo tempo*

A mistura entre camelôs, trânsito intenso e pedestres em ritmo de São Silvestre faz com que muitos visitantes do Edifício Itália, um dos pontos de referência do Centro de São Paulo, fiquem esbaforidos já no entorno do espigão, na esquina das avenidas Ipiranga e São Luís. Ao entrar no prédio, exclusivamente comercial, pode-se posar de atleta e subir a pé as escadarias que desembocam num dos 45 andares da torre, ou tentar recuperar a expressão descansada, optando por um dos 19 elevadores. Ainda assim, o Itália reserva uma cartada final contra os pulmões dos que conseguem atingir a cobertura: a 150 metros do solo, diante de uma vista que já encantou Sua Majestade Elizabeth II, da Inglaterra, fica quase impossível aos simples plebeus manter o fôlego.

O prédio, que já foi o mais alto da América do Sul, atenta contra a respiração de paulistanos e turistas desde 1965, quando foi inaugurado, mas passa, ele mesmo, por uma fase de busca de novos ares. Ao menos, é essa a avaliação dos administradores das quatro instituições que fizeram a fama do edifício: o restaurante Terraço Itália, o Teatro Itália, o clube Circolo Italiano e o setor comercial, composto por mais de 200 escritórios e lojas.

O sintoma mais forte do espírito de renovação surge justamente no clube social que deu origem ao edifício, o Circolo Italiano. Fundado em 1911, o Circolo sempre reuniu a elite da colônia italiana em São Paulo, mas os almoços fartos e as sessões de carteados que entretinham as primeiras gerações conquistaram poucos novos membros, conforme a comunidade se diluía. Para o diretor-presidente do clube, Mario di Fiori, o desafio atual da agremiação é atrair clientes mais jovens, que movimentem os

dois bares, o restaurante e as salas de jogos. “A média etária dos sócios do Circolo, hoje, fica acima dos 70 anos. Temos tradição, fotos de visitas de presidentes, mas a vida não é essa, a vida são os jantares, o encontro dos sócios. Não queremos que o Circolo vire um museu”, afirma.

## Equilíbrio delicado

A tarefa da diretoria, porém, tem que contar com a precisão de uma balança, para não desagradar a uma parcela dos clientes que nasceram na Velha Bota ou são descendentes dos cidadãos daquele país - 80% dos 500 titulares. Como a função essencial do Circolo é difundir idioma e hábitos italianos, segundo o próprio estatuto, a abertura ao “jeitinho brasileiro” de se relacionar tem que ser conciliada com tradições conhecidas, como a realização das quatro festas “obrigatórias”, na palavra dos associados.

Organizadas desde a primeira década de abertura do clube, a Festa da República Italiana, a da Primavera, a do Reveillon e a de aniversário do Circolo são, até hoje, os assuntos preferidos nas rodinhas de sócios. Para a “velha guarda”, elas são as marcas mais saborosas do clima de agitação e glamour que envolvia as comemorações, quando homens de smoking flertavam com as mulheres de vestido longo, convidando-as para dançar coladinhos as baladas românticas de Sérgio Endrigo e a folclórica Mazzolini di Fiori. “Não se pode dizer que era uma época melhor, mas era uma fase em que os imigrantes estavam todos reunidos”, recorda-se a diretora Caterina Liciardi, italiana de Bari.

Paulistana de coração desde 1953, Caterina acompanhou de perto as mudanças de sede do

Capa de uma revista feita pela Circolo Italiano na década de 60.

*Edificio  
Italia*

*S. PAULO  
1944-1961*

**CIRCOLO  
ITALIANO**

## Edifício Itália

Circolo Italiano, já à época em que o clube funcionava num casarão, no terreno onde fica, hoje, o Edifício Itália. Pressionados por uma crise financeira e interessados na possibilidade de adequar aquele espaço ao novo perfil da metrópole, os diretores da agremiação desocuparam o terreno em 1956 e arrendaram-no à construtora que apresentou a melhor proposta, numa licitação internacional que daria direito à vencedora de explorar quase todos os andares do que viria a ser o maior arranha-céu do Brasil. A construtora, no entanto, faliu durante as obras e obrigou o clube a permanecer por quase nove anos na sede temporária, um palacete em Higienópolis.

### O Itália veste gala

Vinte mil toneladas de ferro após o início das obras, o edifício estava pronto para ser inaugurado, em setembro de 1965, já com o charme de ser a irmã mais alta entre todas as torres que brotavam na capital industrial da América Latina. O antigo proprietário do terreno, o Circolo Italiano, ganhava condições de ocupar os três primeiros andares do prédio, conforme combinado quando da negociação da área. Na lista de exigências da cúpula do clube, havia um segundo desejo a ser atendido pela construtora: batizar o edifício com o nome de Itália.

Cumpridos os pedidos, a inauguração foi motivo de efervescência em toda a cidade, como lembra outro italiano apaixonado pelo prédio, o atual síndico, Lorenzo Del Maffeo. Vindo da Lombardia, em 1951, ele exalta a inovação que o Itália representou, com sua estrutura altíssima e ovalada.

“Foi uma grande festa, das maiores que eu vi nos anos 60”, diz, com o conhecimento de causa de quem já frequentou dezenas de bailes da colônia italiana, desde antes da mudança para a torre. O jeito sério com que Lorenzo cita números do edifício que administra - “público fixo de quatro mil pessoas, mesmo número de visitantes” - dá lugar a um sorriso de canto de boca, quando ele descreve a estratégia que usava para ganhar uns minutos a mais de conversa com as moças: durante as reuniões

sociais, entre uma festa e outra, fazia amizade com os pais da garota em quem estava interessado. Pouco antes das comemorações, já tinha ficado próximo o suficiente para ganhar tranquilamente a autorização de levá-la em seu carro para o baile, quando podia conhecê-la com mais liberdade.

Na cadeira de síndico, porém, Lorenzo tenta evitar as passagens saudosistas. Assim como seus colegas do Circolo, prefere chamar atenção para a necessidade de modernizar o edifício, que não escapou, por exemplo, do investimento pesado em equipamentos de segurança, típico dos dias de hoje. Além de vigias junto ao balcão de entrada, ao longo de todo o dia, o prédio conta com câmeras distribuídas por praticamente todas as áreas comuns. Outra marca dos tempos atuais, o reconhecimento de direitos das minorias, chegou sob a forma de banheiros adaptados a deficientes físicos, condição para que o prédio mantivesse o alvará de funcionamento.

O cuidado com a conservação do Itália, nas contas do próprio síndico, ajudou a valorizar os conjuntos em 15%, nos últimos dois anos, e a manter, no edifício, os principais locatários do setor comercial - escritórios de advocacia, contabilidade e turismo.

### Como preservar um ravióli?

Enquanto nos corredores da torre a busca de novos ares se materializa em aumento do valor do imóvel, no vizinho do térreo, o Teatro Itália, a luta é pelo reconhecimento de outro tipo de patrimônio, histórico e cultural.

Instalados ali desde a inauguração do prédio, os palcos quarentões do teatro já receberam Paulo Autran, Maria Della Costa, Jô Soares e Ney Latorraca, entre outros figurões da dramaturgia brasileira. O diretor Antunes Filho, um dos queridinhos do mundo teatral, também já trabalhou nos bastidores de peças apresentadas no Itália, durante os anos mais repressores do Governo Militar, no início da década de 70.

Esse conjunto de momentos áureos é o argumento mais forte da administradora do teatro, Cristiane Natale, para explicar por que

ela acalenta com carinho a idéia de conseguir o tombamento do espaço. “O Itália já recebeu peças de altíssima qualidade, foi foco de resistência política, tem uma história rica que teria mais condições de ser preservada dessa maneira”, justifica.

A preocupação de Cristiane explica-se pelo fato de o teatro ter ficado de fora da área reconhecida pela prefeitura como de interesse especial, quando do tombamento das torres do prédio. Segundo ela, a falta de preocupação em garantir legalmente a conservação do teatro abre brecha para modificações que alterem completamente as características do espaço.

Mesmo sem previsões mais concretas quanto ao início do processo, a equipe do teatro acredita já ter dado os primeiros passos, com a reunião de documentos, fotos e depoimentos sobre a história do Itália. A 150 metros de distância vertical dos palcos, nas mesas do Terraço Itália, também sobram cuidados com a preservação de uma arte: a preparação de um bom ravióli. Clássico do restaurante-símbolo do edifício, o prato conserva-se há anos como o mais pedido. A onda de renovação, no

entanto, chegou também ao cardápio. O recheio preferido da maioria dos 15 mil clientes mensais, o de mozzarella de búfala com tomate seco, é invenção dos últimos tempos.

Outro foco de mudança, segundo o gerente do Terraço Itália, Roberto Adler, é o investimento pesado na realização de eventos na cobertura da torre - cerca de 80 por mês. A organização de festas e encontros é a aposta mais forte para garantir que o Terraço, após 39 anos de existência, permaneça no mapa do roteiro gastronômico da cidade.

Nos almoços e jantares abertos ao público, porém, o grande atrativo ainda é a vista exuberante da floresta de janelas e ruas da metrópole. “Não há nada como jantar com São Paulo a seus pés”, orgulha-se Roberto.

Caso a metáfora pareça exagerada, basta lembrar do caso de amor da Rainha Elizabeth II com a vista do terraço, numa de suas visitas ao país. Não é de se estranhar que tantos paulistanos e turistas emocionem-se diante do quadro iluminado de São Paulo, se ele agradou até mesmo a quem já se acostumou a ver os outros se curvarem diante de si. 🍷



O casarão representa a antiga sede do Circolo Italiano. Em seu lugar, seria construído um dos edifícios mais altos de São Paulo. Ao lado, Paulo Autran e Carmem Silva, em 1972, dividem o palco do Teatro Itália na peça 'Em família', de Oduvaldo Vianna Filho e Antunes Filho.